

A ARTE E EDUCAÇÃO COMO SUPORTE PARA DISCUSSÃO DO LUGAR SOCIAL DAS MULHERES NEGRAS NO ESPAÇO URBANO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

ANDRESSA FARIAS BARRIOS; Marcio Rodrigo Vale Caetano

Universidade Federal do Rio Grande – Andressa.barrios@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande – mrvcaetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Imersas em um universo, predominantemente masculino, as mulheres negras do Rio Grande são importantes objetos de pesquisa, pois representam uma parcela da população produtiva que buscava recriar práticas culturais entre os labirintos das cidades.

Nesta pesquisa, faz-se uma análise da pintura *Mulata Quitandeira*, de Antonio Ferrigno, onde pretendeu-se suscitar questões atinentes à singularidade da obra e do período. Destacando o uso dos adornos como parte da construção histórica, visual e social das mulheres afro-brasileiras bem como de questões relevantes relacionadas à gênero e etnicidade pautadas por meio da educação.

A pintura de Ferrigno encontra-se na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Analisaremos uma pintura de gênero em que a representação da figura feminina problematiza as possibilidades de integração de descendentes de escravos na sociedade pós-abolição.

O artista se vale da representação de uma mulher negra, que está sentada em chão de terra, encostada em um portal de madeira à entrada de uma habitação simples, sua cabeça está recostada à mão esquerda, os trajes desalinhados, ao topo da cabeça usa um turbante de tecido branco. Bittencourt apresenta:

Sua figura é a definição do corpo anti-acadêmico: abandonado, decomposto. Ombros curvados, olhos cerrados, com um cachimbo, hábito comum das negras, aceso sobre o colo. Em primeiro plano, no chão, a carteira de fumo aparece próximo aos chinelos gastos. Os pés descalços têm as solas grossas e a ausência de delicadeza das mãos, se repete nas formas pesadas. Na soleira da porta, parcialmente visível em meio à sombra, vemos uma bandeja com as ervas arrumadas para a venda. (BITTENCOURT 2005, p.98)

A partir destas observações presentes na obra, Ferrigno parece criar um ambiente em que a situação de emancipação (se assumimos que se trata de uma mulher livre) não cria prosperidade, evidencia a problemática que estavam submetidas as mulheres negras após a abolição: trabalhadora, pobre, possuidora de uma vida pessoal destituída de conforto material, largada à própria sorte e com um futuro incerto. A negra parece encerrada em uma realidade imutável, presa a um tempo cuja passagem é árdua.

2. METODOLOGIA

No desenvolvimento da pesquisa para a busca da presença das quitandeiras na cidade do Rio Grande¹, usou-se como fonte o livro de registros de

¹ Também se buscaram referências nos periódicos da Biblioteca Riograndense.

prisões da cadeia da cidade do Rio Grande. O documento encontra-se no Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande e despertou a atenção por apresentar prisões somente de escravos, de ambos os sexos. Ademais, torna-se importante salientar que o recorte temporal foi feito a partir da disponibilidade de documentação da população das mulheres livres e das escravizadas.

Este material faz-se necessário em virtude da importância do trabalho feminino no cotidiano do século XIX: lavadeiras, quitandeiras, mucamas, cozinheiras, costureiras, ama-de-leite, entre outras. O comércio de quitutes, frutas e doces era uma prática recorrente, algo que representava simbolicamente as tradições da América Portuguesa.

Quitandeiras, negras minas, negras de tabuleiro, negras de ganho era a nomenclatura dessas mulheres que trouxeram da África para o Brasil o comércio ambulante em tabuleiros. O comércio varejista deste período foi exercido essencialmente por mulheres, estas negras, pobres, forras ou escravas.

Os viajantes realçavam a vocação de vendedora de nação Minas ou do Daomé, Nigéria, Senegal e Congo, como negras de ganho por se adaptarem mal aos serviços mais caseiros.

Essas trabalhadoras, por sua vez, comercializavam principalmente “gêneros da terra”, tais como aguardente, bolos, fumo e derivados do setor varejista, que equivaleu como alavanca na economia da época. Mulheres negras, empobrecidas, libertas ou forras assumiram a venda em tabuleiros não só de modo a resistir à pobreza e à escravidão, mas também como método de sobrevivência diante das poucas oportunidades para a mão-de-obra feminina na época.

A presença maciça de mulheres nos espaços de urbanização marcava as relações sociais de trabalho, durante o século XIX, a Praça da Quitanda constituiu o espaço central do abastecimento da cidade do Rio Grande. Até então o mercado que havia na época era uma espécie de feira onde produtores e comerciantes vindos da zona rural comercializavam seus produtos.

As fontes iconográficas da cidade do Rio Grande foram poucas, mas de grande relevância para a complementação das fontes da cultura visual no âmbito local. Ao longo deste breve estudo será apresentado o cotidiano de trabalho, de resistência, principalmente de escravas que exerciam atividade urbana, tendo a rua como espaço de sociabilidade por excelência. Com efeito, até a primeira metade do XIX, os largos e ruas eram ocupados por aqueles que exerciam as profissões de menor prestígio social mais humildes, como quitandeiras, tropeiros e, noturnamente, prostitutas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra de Ferrigno *Mulata Quitandeira*, as litografias de Debret, as fotografias das ocupações de mulheres negras na cidade do Rio Grande, demonstram como os papéis culturais e historicamente desempenhados por mulheres constroem assimetrias de gênero na relação com a cidade.

A atividade comercial, mais do que qualquer outra ocupação desempenhada pelas quitandeiras pode comprovar toda a dimensão de um dos

tantos momentos em que os papéis históricos femininos foram pautados na transgressão da ordem.

Ao meu ver uma das ações que podem trazer resultados bastante significativos seria a implementação de disciplinas obrigatórias voltadas para o ensino da educação das relações étnico-raciais em todos os cursos de licenciatura na educação superior, com isso, garantiria-se a formação de profissionais qualificados para trabalhar estas temáticas com maior segurança, lucidez e sensibilidade.

4. CONCLUSÕES

A luta pela igualdade de direitos para a população negra no Brasil não terminou com o fim do regime escravocrata. É aí que ela começa, pois a Lei Áurea e as outras que a precederam não deram conta de assegurar direitos à população liberta e a seus descendentes. A abolição foi realizada sem uma ampla revisão de direitos e necessidades da população negra.

As políticas culturais e educacionais são exemplos importantes deste esforço, onde nós encontramos uma constante “folclorização” da cultura africana e afrodescendente.

As mulheres negras continuaram na marginalidade, sem direito a terra, trabalho digno, educação, saúde ou habitação, constituindo a parcela mais empobrecida da população brasileira até hoje.

A obra de Ferrigno, *Mulata Quitandeira*, as litografias de Debret, as fotografias das ocupações de mulheres negras na cidade do Rio Grande, demonstraram como os papéis culturais e historicamente desempenhados por mulheres constroem assimetrias de gênero na relação com a cidade.

A atividade comercial, mais do que qualquer outra ocupação desempenhada pelas quitandeiras pode comprovar toda a dimensão de um dos tantos momentos em que os papéis históricos femininos foram pautados na transgressão da ordem.

Nessa perspectiva espera-se contribuir para a emergência de uma mentalidade livre de estereótipos, em que a identidade negra e a valorização da mulher nesse contexto sejam objetos de reflexão, abrindo discussão e possibilidades de debate no espaço acadêmico, tratando as questões étnico-raciais como relações sociais, promotoras de valorosos preceitos éticos e estéticos.

A variedade de imagens, olhares e o emaranhado de indagações decorrentes desta pesquisa indicam um longo percurso e um trabalho que certamente não se esgotou.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de, *Onda Negra, Medo Branco. O Negro no Imaginário das Elites, século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Ana Mae. Consonâncias Internacionais para o Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2006.

BITTENCOURT, Renata. Modos de negra e modos de branca: o retrato “baiana” e a imagem da mulher negra na arte do século XIX. 2005. Dissertação de Mestrado (História da Arte e da Cultura) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Martins, 1940.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva, *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*, 2a ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 1995. DIAS, Maria Odila Leite da Silva, "Nas Fímbrias da Escravidão Urbana: Negras de Tabuleiro e de Ganho", Estudos Econômicos, São Paulo, 1985.

FARIAS, Juliana Barreto. *Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2015.

GIACOMINI, Sonia Maria. Mulher e escrava: Uma Introdução ao Estudo da Mulher Negra no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes. 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005

PRIORE, Mary del (Org.). *Histórias das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001

SCHWARCZ, Lilia M. Negras imagens: *Ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1993.